

Planetas que determinam o destino e planetas que libertam o ser humano

Rudolf Steiner

GA 228* Primeira palestra^{NT} Dornach, 27 de julho de 1923

Tradução: Salvador Pane Baruja, 26/03/2025

Uso particular e sem fins lucrativos

NT: Esta palestra é a primeira de um ciclo de três proferidas por Rudolf Steiner para os membros da Sociedade Antroposófica em Dornach. Marie Steiner escolheu tanto o título do ciclo - As individualidades espirituais do nosso sistema planetário * Planetas que determinam o destino e planetas que libertam o ser humano - quanto o da palestra aqui traduzida.

Nós próximos dias, gostaria de acrescentar algo mais ao que falei recentemente a respeito de certos aspectos básicos dos segredos do mundo¹, que se perderam para a nova civilização. Para isso, só precisamos olhar para a visão de mundo que a nova civilização tem, por exemplo, do sistema planetário. Sabemos que o sistema planetário é apresentado como se tivesse surgido de uma espécie de névoa primigênia em rotação e que os planetas isoladamente se separaram dela devido ao seu movimento rotatório. As explicações apresentadas para escorar esta visão de mundo geraram especulações que a nada mais conduziram do que a uma espécie de indiferenciação entre os diversos corpos celestes observados, mas também a uma indiferença do olhar humano diante desses corpos celestes.

Se considerarmos a representação mental {NT: da ciência convencional} de uma névoa giratória, da qual os corpos celestes se separaram gradualmente, quais são as diferenças mais marcantes, digamos, entre a Lua e Saturno? De fato, as mais significativas pesquisas do século XIX afirmavam de tudo quanto à composição material dos corpos celestes, sobre os aspectos terrestres e especificamente sobre os minerais terrestres, criando uma espécie de Física e Química desses corpos celestes. Assim, tornou-se possível apresentar nos manuais convencionais temas especiais sobre Vênus, Saturno, a Lua, etc. Acontece que o conteúdo desses manuais é comparável ao que é apresentado como sendo somente uma espécie de imagem do organismo exterior do homem, sem considerar os elementos anímico e espiritual que o constituem, pois ele é um ser anímico e espiritual. Por outro lado, com ajuda da ciência iniciática devemos chegar a penetrar naquilo que, inicialmente, podemos chamar de a alma e o espírito do nosso sistema planetário. Nesse sentido, gostaria hoje de apenas caracterizar as individualidades específicas de cada planeta desse sistema.

Inicialmente, gostaria de mencionar os planetas cujos destinos, aliás somente em determinado sentido, estão ligados ao destino da Terra e que no passado tiveram um papel muito diferente na vida da Terra do que no presente. Os senhores sabem através das descrições feitas no meu livro *Um esboço da Ciência oculta*^{NT} que, em tempos cósmicos relativamente recentes, a Lua estava unida à Terra, que, posteriormente, se separou dela e agora a circunda.

Se falarmos da Lua como se fosse um corpo celeste físico exterior, esse seu aspecto físico é apenas o lado exterior, a revelação mais exterior possível, da espiritualidade que existe por trás dela. Observando a Lua da atualidade, ela se apresenta para quem quer conhecê-la nos seus aspectos exterior e interior como sendo, de certa forma, uma congregação de entidades espirituais do nosso universo, que se encontram muito fechadas em si mesmas. Exteriormente, a Lua age como se fosse fundamentalmente um espelho do universo.

1 Veja o ciclo de palestras *Três perspectivas da Antroposofia. Fenômenos culturais do ponto de vista da ciência espiritual* (GA volume 225), Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1990.

NT: *A Ciência oculta Esboço de uma cosmovisão supra-sensorial* (Obra completa volume 13) Editora Antroposófica, São Paulo, sexta edição, 2006.

[Rudolf Steiner começa a esboçar no quadro negro o desenho apresentado à página oito.]

Se considerarmos que a Terra se encontra aqui e a Lua bem próxima à Terra {Rudolf Steiner desenha no quadro negro}, a observação mais superficial é que ela surge refletindo a luz do Sol. Por isso, podemos dizer que o que vem da Lua é a luz do Sol que a ilumina e ela reflete. Ela é, portanto, realmente o espelho da luz solar. Os senhores conhecem a característica de um espelho, no qual vê-se o que está fora dele, na sua frente, mas não se vê o que está por trás dele.

Bom, de certa forma, a Lua não é somente o espelho solar do universo, mas em geral é o espelho de tudo o que pode chegar irradiando a ela, apenas que a luz do Sol é a mais forte de todas as outras. Todos os corpos cósmicos que existem no universo irradiam em direção à Lua, que reflete esse universo para todos os lados como se fosse um espelho de todo o universo.

Assim, olhando o universo {a partir da Terra}, pode-se dizer que, realmente, temos o universo duas vezes à nossa frente: uma vez, como ele se revela no âmbito da Terra e, outra, como o universo é refletido pela Lua. Os raios do sol agem poderosamente. Mas também agem poderosamente quando refletidos pela Lua. E também tudo aquilo que pode manifestar-se espacialmente irradiando pelo universo é refletido pela Lua. Assim, além do que se revela no universo, também tem o que vem a ser a irradiação do universo refletida pela Lua.

Mas todo o resto do universo que pode manifestar-se irradiando pelo espaço também é refletido pela Lua e, por isso, além do que se revela no universo, existe o que o reflexo lunar revela do universo. Quem observar todas as particularidades da Lua, em outras palavras, quem tiver olhos para os reflexos que a Lua emite em todas as direções no universo, aí veria todo o universo refletido pela Lua. Se me for permitido expressar da seguinte maneira, somente aquilo que está no interior da Lua fica sendo o segredo da Lua, fica oculto, assim como o que está atrás de um espelho fica oculto. O que existe atrás da superfície da Lua, ou seja o que está no interior mesmo da Lua, é muito mais significativo, principalmente pelo seu lado espiritual.

As entidades espirituais que povoam o interior da Lua são entidades que, no mais estrito sentido da palavra, se isolam do conjunto do universo. Elas vivem numa espécie de fortaleza lunar. Quem consegue manter um certo parentesco com a luz solar e desenvolver de tal forma certas particularidades da vida do coração humano, não vê o reflexo da Lua, que, de certa forma, torna-se anímicamente translúcida para essa pessoa e, assim, ela pode penetrar na fortaleza lunar do universo.

Essa pessoa descobre assim algo significativo: que, através dos testemunhos, através das doutrinas dessas entidades que no maior fechamento se retiraram para a fortaleza lunar do universo, podem ser revelados certos segredos que a Terra em algum tempo passado possuía por meio de seus mais selecionados espíritos, segredos que se perderam. Quando hoje em dia olhamos retrospectivamente o desenvolvimento da Terra, vemos que, enquanto mais aprofundamos o passado, cada vez encontramos menos as verdades abstratas que constituem o orgulho do homem da atualidade, e que, em contrapartida, nos aproximamos crescentemente a verdades existentes sob a forma de imagens.

Lutamos então em meio às significativas verdades interiores, que ainda estão escritas, que brilham nas últimas reminiscências da sabedoria oriental, por exemplo, nos Vedas e no Vedanta², lutamos em meio às revelações primigênicas da humanidade, que ainda existem por detrás de mitos e lendas, e chegamos inicialmente a reconhecer, cheios de surpresa e de devoção, como a humanidade no passado possuía uma enorme sabedoria, que mantivera como uma graça das entidades espirituais do universo sem envidar grande esforço intelectual.

Somos, finalmente, reconduzidos a tudo aquilo que essas entidades puderam ensinar aos seres humanos primigênicos que já existiram na Terra, entidades que depois se retiraram para a fortaleza lunar do universo, e que, junto com a Lua, se separaram da Terra. Os seres humanos preservaram então as lembranças do que essas entidades tinham revelado aos mais antigos povos da humanidade, cujos membros ainda possuíam na sua essência algo muito diferente da atual forma humana.

Mas quando se penetra esse segredo, que eu gostaria de chamar de o segredo lugar do universo, vê-se que essas entidades, que atualmente se consolidaram na fortaleza lunar do universo, foram no passado os grandes mestres da humanidade na Terra. Vê-se também como a humanidade na Terra perdeu justamente o espiritual e o anímico, que se encontram guardados nessa fortaleza do universo. Pois o que a Terra recebe do universo é somente aquilo que a superfície exterior dessa fortaleza, de certo modo de suas muralhas, reflete do resto do cosmos.

Esse segredo lunar pertence aos mais profundos segredos dos antigos mistérios, devido a que Lua contém no seu interior, digamos assim, a sabedoria primigênia. Todavia, o que ela é capaz de refletir de todo o universo é aquilo que forma a soma das forças que sustentam o mundo animal na Terra. Especificamente, aquelas que se relacionam com a sexualidade do mundo animal, que também sustentam o elemento físico e animal do ser humano, bem como a sua sexualidade física e sensorial. Portanto, a natureza inferior do ser humano é uma criação daquilo que irradia da Lua, o mais elevado que a Terra possuía no passado, e que se localiza protegida no interior da fortaleza lunar.

Dessa maneira, chega-se gradualmente ao conhecimento da individualidade da Lua, ao conhecimento daquilo que ela realmente é, enquanto que todos os outros conhecimentos se assemelham ao que se pode conhecer de um ser humano cuja imagem reproduzida no *papier maché* é refletida num panóptico. Não seria possível saber da individualidade de uma pessoa olhando somente essa imagem. Igualmente, a ciência que não quer saber da iniciação conhece muito pouco da individualidade da Lua.

Em certo sentido, o planeta mais exterior vem a ser uma oposição à individualidade da Lua, que é a individualidade de Saturno [em verde, no desenho à página oito], pelo menos quanto aos antigos planetas exteriores, pois posteriormente vieram Urano e Neptuno, mas agora não vamos considerar estes dois planetas. A individualidade de Saturno é de tal forma diferente, que realmente é estimulada pelo universo das mais variadas maneiras, mas nada irradia desses estímulos, pelo menos não para a Terra.

2 *Veda* significa “sabedoria” e é o nome do conjunto dos mais antigos sábios escritos religiosos dos hindus em sânscrito, aos quais é atribuída uma origem extraterrestre. Trata-se de uma abrangente obra, que durante muito tempo só foi transmitida oralmente e está dividida em quatro volumes, chamados geralmente de “Os quatro Vedas”. O termo *vedanta* refere-se à mais recente obra literária dos Vedas e foi usado para identificar diversos sistemas teológicos da filosofia hindu, inicialmente os chamados “Brahmasutras” ou “Vedantasutras” (do filósofo Badaraiana, que teria vivido em torno do ano 200 antes de Cristo) e o sistema vedanta clássico do grande filósofo Shankara (788-820 depois de Cristo).

Certamente, o Sol também irradia para Saturno, mas o que este reflete das irradiações solares não tem nenhum significado para a vida na Terra. Ao contrário, Saturno é na totalidade o corpo celeste do nosso sistema planetário que se entrega integralmente à sua própria essência. Ele irradia a sua própria essência no universo. Quando se observa Saturno, ele diz sempre como *ele* {NT: no original} é. Ao passo que, quando observada exteriormente, a Lua diz como tudo no mundo é diferente, Saturno não diz de jeito nenhum o que ele recebe de estímulos do conjunto do cosmos, mas fala sempre de si mesmo. Ele só diz aquilo que ele mesmo é. E aquilo que ele mesmo é revela-se gradualmente como se fosse uma espécie de memória do nosso sistema planetário.

Saturno parece ser um desses corpos cósmicos que fez tudo fielmente no nosso sistema planetário, mas que também preserva tudo fielmente na sua memória cósmica. Ele cala quanto às coisas atuais do universo. Ele toma as coisas do presente do universo e as trabalha no seu íntimo anímico e espiritual. A totalidade das entidades que moram em Saturno abrem-se realmente para o mundo exterior, mas, mudas, aceitam em silêncio os eventos do mundo no seu anímico e contam somente os eventos cósmicos do passado. Por isso, observado cósmicamente, Saturno é inicialmente uma espécie de memória em transformação do nosso sistema planetário. Por ser realmente um fiel comunicador do que aconteceu no sistema planetário, ele recebe dessa maneira os segredos do sistema planetário.

Quando queremos indagar a respeito dos segredos do universo, olhamos em vão para a Lua. Enquanto, digamos assim, tentamos ganhar a confiança dos seres lunares para saber algo sobre os segredos do mundo através deles, bom, nada disso é preciso em relação a Saturno. Basta estar aberto à espiritualidade que ele se transforma de olho espiritual, de olho anímico, em vivaz historiador do sistema planetário. Ele não guarda nada mesmo para si dos relatos que tem para contar sobre o que aconteceu no âmbito do sistema planetário.

Nesse aspecto, Saturno é o oposto absoluto da Lua, pois ele fala permanentemente. Ele fala com tanto calor interior e com tanta intensidade do passado do sistema planetário, que passa a ser realmente perigoso saber intimamente do que acontece no cosmos, porque ele fala com tamanha devoção dos eventos cósmicos do passado, que pode-se desenvolver um enorme amor por esse passado cósmico. Pode-se dizer que, para quem ausculta seus segredos, {a Lua} pode vir a ser o permanente sedutor, que pouco aprecia a Terra {da atualidade}, pois aprofunda-se intensamente naquilo que a Terra já foi no passado.

Ele fala particularmente claro sobre tudo o que a Terra foi antes de passar a ser a Terra, de tal forma que Saturno é o planeta do nosso sistema solar que faz o passado extraordinariamente querido. E as pessoas que têm certa simpatia terrestre por Saturno são aquelas que permanentemente olham para o passado, que não gostam do progresso, que gostariam constantemente de retornar ao passado. Dessa forma, é possível aproximar-se à individualidade de Saturno.

Um planeta como Júpiter é de outra índole (veja desenha à página oito). Júpiter é o pensador do nosso sistema planetário, o pensar é o elemento preferencial que todas as entidades que, digamos assim, estão unidas no seu campo cósmico cultivam. Júpiter irradia para nós pensamentos criativos e captados do universo. Júpiter contém em forma de pensamentos todas as forças plasmadoras para os diversos entes do universo. Enquanto que Saturno conta o passado, Júpiter mostra em vivas concepções e apresentações o que lhe corresponde do presente universal.

Para isso, contudo, é preciso receber de forma sensorial aquilo que ele oferece ao olho espiritual. Quem não consegue desenvolver o pensar por conta própria, não chega a Júpiter, por exemplo, através da clarividência, pois os segredos de Júpiter só se revelam sob a forma de pensamentos e somente quando a pessoa pensar por conta própria é que ela tem acesso aos segredos de Júpiter, pois ele é o pensador do universo.

Quando alguém tenta estruturar por meio de pensamentos claros uma significativa e enigmática questão existencial, mas devido a obstáculos físicos e etéricos, devido especificamente a obstáculos anímicos, não consegue lidar com isso, aí então entram em ação os entes de Júpiter, ajudando a pessoa. Os entes de Júpiter ajudam justamente no desenvolvimento da sabedoria humana. Quem se esforça mesmo em desenvolver pensamentos claros sobre algumas questões existenciais e não consegue fundamentá-los, mas mantém a paciência e continua trabalhando-os na alma, acaba recebendo ajuda, até durante a noite, dessas potências jupiterianas.

Quem consegue resolver melhor um enigma à noite do que durante o dia que passou, como se fosse a partir de um sonho, deveria admitir, se conseguir captar a verdade, que são as potências jupiterianas que trazem dinamismo, movimento e expressividade ao pensar humano, se me for permitido falar dessa forma. Portanto, enquanto Saturno é quem preserva a memória do universo, Júpiter é o pensador do universo. Tudo o que o ser humano tem do presente deve a Júpiter. O ser humano deve a Saturno o que ele tem do passado anímico e espiritual do universo.

É a partir de uma certa intuição que Júpiter foi especialmente venerado na Grécia {antiga}, onde vivia-se o espiritual no tempo presente. A contribuição de Júpiter no decorrer do ano também constitui um estímulo para o ser humano continuar o seu desenvolvimento. Os senhores sabem que, quando observamos o movimento aparente de Saturno, ele se desloca lentamente, muito lentamente, ele precisa de 30 anos {para completar uma volta em torno do Sol}. Júpiter desloca-se mais rapidamente, precisa de 12 anos.

Através de seu deslocamento mais acelerado, Júpiter dá ao ser humano a satisfação da busca da sabedoria. Quando o relógio, que de certa forma expressa o destino humano no cosmos, mostra a relação especial que existe entre Júpiter e Saturno, então surgem maravilhosos e iluminados momentos nesse destino humano, durante os quais o pensar do presente desvenda muito do passado.

Se procurarmos na história universal da humanidade as épocas em que surgiram novamente velhos impulsos, como ocorreu no final do Renascimento, vemos que elas estão plenamente relacionadas a uma certa constelação de Júpiter com Saturno. Mas, como eu já disse, Júpiter é de certa forma retraído e, caso a pessoa não se aproximar a ele por meio de um pensar ativo, enérgico e claramente iluminado, suas revelações ficam no inconsciente {humano}.

É por isso que, antigamente, quando o pensar ativo estava menos desenvolvido do que hoje em dia, a maneira como a humanidade avançava dependia sempre da posição de Júpiter em relação a Saturno. Quando ocorriam certas constelações entre ambos, especialmente as pessoas idosas vivenciavam muitas revelações. O ser humano da atualidade está destinado a vivenciar mais o desenvolvimento das coisas separadamente, isto é, de receber a memória de Saturno separadamente da sabedoria de Júpiter para o seu desenvolvimento anímico e espiritual.

Passemos agora a observar Marte (veja o desenho alaranjado à página oito). Marte é o planeta do nosso sistema planetário do qual realmente pode-se dizer que muito promete – bom, é preciso expressar isso de alguma forma. Diferentemente de Júpiter, que retém a sua sabedoria em forma de pensamentos, ele sempre conta tudo aquilo a que tem acesso no universo. Bom, ele não tem acesso a todas as coisas do universo, quero dizer, às almas que nele vivem. É o planeta mais tagarela do nosso sistema planetário, ele fala sempre.

Ele é especialmente ativo, por exemplo, quando as pessoas contam logo depois que acordam, falam diretamente do sonho vivido. Ele é também, no fundo, o planeta que tem a imensa necessidade de falar sempre, de tal jeito que, quando tem acesso a algo da natureza humana que lhe facilita a loquacidade, começa a tagarelar. É o planeta que menos pensa, que tem menos {espíritos} pensadores, mas mais palestrantes. Seus espíritos estão sempre de prontidão para captar o que o universo oferece aqui e acolá e aí então falam com grande devoção e grande loquacidade. Ele é aquele que, no decorrer da evolução da humanidade, tem estimulado o ser humano das maneiras mais variadas a falar a respeito dos segredos do universo.

Ele tem bons lados e lados nem muito bons. Tem seus gênios e seus demônios. O gênio age de tal maneira que em geral os seres humanos recebem do universo o impulso para falar. Seu demônio age de tal maneira que a fala é usada erradamente das mais variadas formas. Em certo sentido, pode-se dizer que ele é o agitador do cosmos. Marte quer persuadir, enquanto que Júpiter só quer convencer.

O planeta Vênus, por exemplo, ocupa uma outra posição [veja o desenho cor violeta à página oito]. De certa forma – bom, como eu poderia me expressar? – Vênus é reservado diante de todo o universo. É distante, não quer saber do universo. Observa de tal maneira o universo que, caso se manifestar no universo exterior, eu diria que poderia perder a sua virgindade. Sente-se profundamente chocado quando qualquer sinal do universo exterior quer chegar-lhe perto. Ele não gosta do universo, recusa todo e qualquer dançarino do universo exterior.

É algo difícil de expressar, porque naturalmente as relações {cósmicas} devem ser expressadas numa linguagem terrena, mas a situação é essa mesma. Por outro lado, Vênus é extraordinariamente receptivo a tudo que provém da Terra {NT: no original}. De certo modo, a Terra é a amante de Vênus. Enquanto a Lua espelha todo o universo ao seu redor, Vênus nada espelha do universo, nada quer saber do universo, mas reflete amorosamente tudo o que vem da Terra. Quando uma pessoa espreita Vênus com olhos anímicos, encontra novamente nele a Terra inteira com todos os seus segredos anímicos.

No fundo, o ser humano na Terra realmente não pode guardar um tema em segredo na sua alma sem que Vênus repasse isso para quem pesquisar esse planeta. Vênus olha profundamente na alma das pessoas, tem interesse nisso e deixa que tudo flua para ele. Portanto, o mais íntimo que vive na Terra também está presente em Vênus e tudo é refletido de maneira curiosa, assim como o sonho humano transforma os eventos exteriores da vida física {da vigília} em vivências oníricas. Ou seja, Vênus transforma os eventos da Terra em imagens oníricas de tal forma que todo o seu percurso que percorre em torno da Terra, toda a esfera venusiana, é na verdade um sonho. E os segredos terrenos do ser humano vivem transformados nos mais variados sonhos sonhados {em Vênus}. Vênus tem mesmo muito a ver com os poetas. Claro, os poetas nada sabem disso, mas eles têm muito a ver com Vênus.

Mas tem algo muito curioso. Eu já disse que Vênus age reservadamente em relação a todo o universo, ele é assim. Mas não é igualmente reservado diante do que vem ao seu encontro de todo o universo. Vênus recusa por meio do sentimento tudo o que vem do universo, exceto o que vem da Terra. Eu disse que Vênus recusa todo e qualquer bailarino, mas espreita atentamente tudo o que Marte diz, transforma suas vivências oníricas terrenas com ajuda do que recebe do universo por meio de Marte.

Todas essas coisas {NT: relações planetárias} também têm um lado físico. Destas coisas partem os impulsos para o que se cria no mundo, o que surge no mundo. Aliás, o Sol coloca-se no meio disso tudo e cria ordem. Na medida em que Vênus aceita tudo o que vem da Terra e espreita sempre Marte – Vênus quer espreitar Marte, mas não que ele saiba disso – ,a partir daí são plasmadas as forças que conformam os fundamentos dos órgãos que formam a fala humana.

Quem quiser conhecer no cosmos os impulsos que influenciam a formação do idioma de um povo, deve olhar para esse curioso tecer vivo que ocorre entre Vênus e Marte. Portanto, quando o destino assim transcorre, a posição que Vênus tem em relação a Marte é muito importante para o desenvolvimento da fala de um povo. Um idioma é interiormente, anímicamente, aprofundado quando, por exemplo, Vênus está em quadratura com Marte. Ao contrário, quando Vênus e Marte estão em conjunção, isso influi esse povo e o seu idioma torna-se choco, sem vida. É assim que se formam os impulsos no cosmos e depois influenciam a vida na Terra.

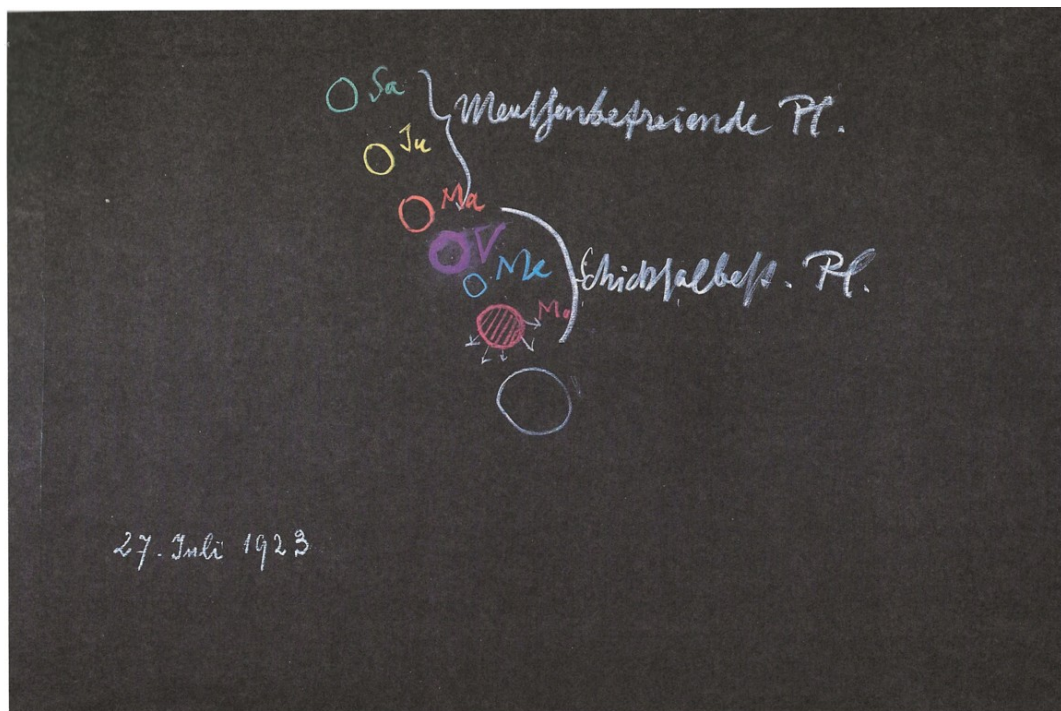
Temos também Mercúrio [veja o desenho azul à página oito], o planeta que, diferentemente de outros, de fato se interessa pelo que não é sensorial, mas que, conforme a sua natureza, pode combinar {com o sensorial}. Nele estão os mestres do pensamento combinatório, enquanto que em Júpiter estão os mestres do pensamento sábio. Quando o ser humano entra na existência terrena oriundo da vida pré-terrena, a Lua contribui com as forças que dão o impulso para a existência física. Vênus participa com as forças que têm a ver com as predisposições anímicas e dos temperamentos. Já Mercúrio dá as forças para as predisposições da razão e da inteligência. Justamente em Mercúrio estão localizados os mestres das forças do conhecimento combinatório.

Por outro lado, existe uma curiosa relação entre esses planetas e o ser humano. A Lua, que contém os ásperos espíritos que se retiraram completamente em si mesmos e que só reflete o que lhe é enviado, constrói o corpo do ser humano, a sua exterioridade. Nesse processo de construção da corporalidade, ela une as forças hereditárias. Justamente na Lua estão assentadas aquelas entidades espirituais que, diria eu, pensam no maior isolamento cósmicamente aquilo que através da corporalidade vai ser herdado de uma geração para a outra.

É por isso que os cientistas da atualidade nada sabem a respeito da hereditariedade, porque os seres lunares estão entrincheirados na sua fortaleza. No fundo, quem olhar em profundidade qualquer trabalho científico da atualidade {1923} sobre hereditariedade e falasse uma linguagem cósmica poderia realmente dizer que {o autor desse trabalho} foi abandonado pela Lua, mas em troca está enfeitado por Marte, pois fala sob a influência de forças demoníacas marcianas e encontra-se absolutamente distante dos verdadeiros segredos da hereditariedade.

Vênus e Mercúrio levam o anímico e o espiritual do carma para a interioridade humana, que se apresentam nos temperamentos e nas predisposições anímicas. Em contrapartida, Marte, Saturno e especialmente Júpiter têm algo libertador, quando a pessoa está em relação correta com esses planetas. Eles libertam o ser humano de todas as determinações cármicas e o levam justamente a tornar-se um ser livre.

Desenho^{NT}



GA 228 TAFEL 1

DORNACH, 27. JULI 1923

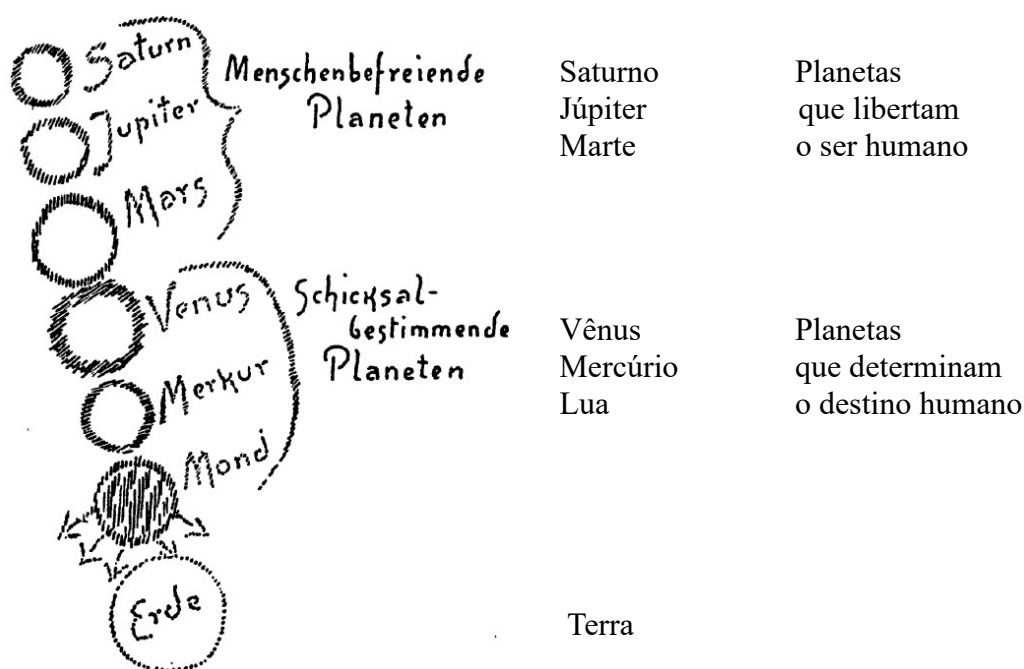
Poderíamos usar uma expressão bíblica ligeiramente mudada da seguinte maneira. Certo dia, Saturno, que é o fiel preservador da memória cósmica, disse: “Vamos libertar o ser humano da sua própria memória“. Desta maneira, a influência de Saturno foi impelida para baixo no inconsciente humano, que recebeu a sua própria memória e, assim, a base de sua liberdade pessoal. Igualmente, devemos agradecer à graça de Júpiter por receber o impulso interior da volição, que repousa no livre pensar. Júpiter poderia realmente dominar todos os pensamentos dos seres humanos. Quem tem acesso a ele, encontra aí os pensamentos da atualidade de todo o universo. Mas ele igualmente se afastou e deixou que os seres humanos passassem a pensar como entes livres.

E o elemento da liberdade que existe na língua fundamenta-se no fato de que até Marte tornou-se misericordioso. Como ele tinha que, digamos assim, sujeitar-se à decisão de outros planetas distantes do Sol de que não deveria mais pressionar os seres humanos, as pessoas tornaram-se, de certa forma, livres na fala, não totalmente, mas parcialmente livres. Por um lado, Marte, Júpiter e Saturno poderiam ser chamados dos planetas que libertam o ser humano, enquanto que Vênus, Mercúrio e a Lua devem ser chamados de os planetas que determinam o destino [veja desenho acima].

NT: O desenho a cores acima foi desenhado por Steiner durante a palestra e reproduzida no livro *Rudolf Steiner - Wandtafelzeichnungen zum Vortragswerk* (Rudolf Steiner Verlag, volume XIII, página 17, Dornach, 1993). Eu o incluí no corpo da tradução, porque o texto da palestra em alemão faz referência às cores dos planetas, mas mostra o desenho em preto e branco (de autoria de Assja Turgenieff), apresentado na página a seguir.

Tampouco vamos entender corretamente o Sol se somente o contemplarmos como aquilo que os físicos sabem dele. Só podemos entender corretamente o Sol se o contemplarmos como aquilo que ele é anímica e espiritualmente. Ele é aquilo que torna abrasante o calor do imperativo do destino e libera o destino na chama da liberdade, e que, por sua vez, quando se abusa da liberdade, concentra-se na ativa substância do Sol.

De certa maneira, o Sol é a chama na qual a liberdade surge fosforescente no cosmos e, ao mesmo tempo, é a substância na qual a liberdade indevidamente usada, feito cinza concentrada, é novamente fundida e transformada em destino para poder continuar agindo, até que o destino, por sua vez novamente fosforescente, possa passar a ser a chama da liberdade.



* GA 228 A ciência iniciática e o conhecimento das estrelas. O ser humano no passado, no presente e no futuro, segundo o desenvolvimento da consciência. Rudolf Steiner Verlag, Dornach, terceira edição, 2002.